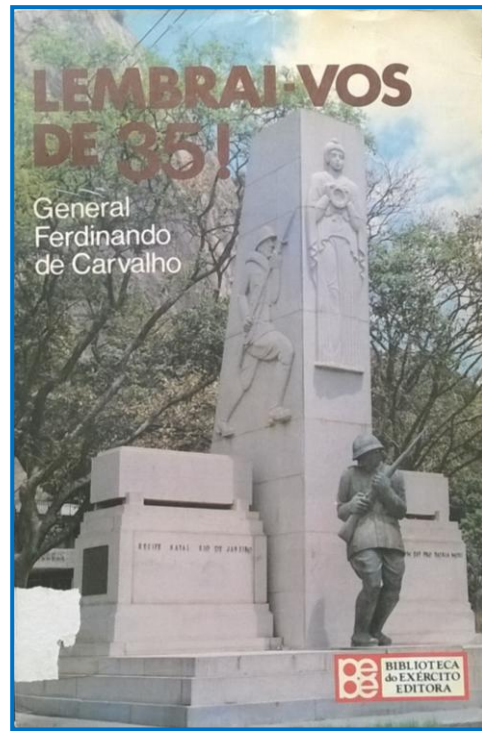


TOQUE DE SILÊNCIO

(POESIA)

- Em homenagem às vítimas da Intentona Comunista de 1935 -



TOQUE DE SILÊNCIO

(Canto em memória dos Soldados assassinados em 1935)

CARLOS MAUL

Escritor e jornalista de grande projeção intelectual na imprensa do Rio de Janeiro, sua obra literária está expressa em trabalhos de prova e poesia, além de volumes sobre crítica, história, sociologia e ficção. Como ensaísta destacou-se com a publicação de "O Exército e a Nacionalidade". Em 1961, homenageando as vítimas da Intentona Comunista de 1935, escreveu o poema que se segue.

TOQUE DE SILÊNCIO

O sino velho do cemitério
Bateu três pancadas:
Eram mortos que entravam
Para ser enterrados,
Para que a terra os acariciasse com ternura
Como a vida não os acariciara...
Para que a podridão de seus corpos
Refulgisse, à noite, em fogos-fátuos,
E, através das raízes das plantas,
Subissem às flores carregadas de perfume.

Eram mortos que entravam
Para ser enterrados...
De onde vinham eles,
Tantos assim, de uma vez?
E quantos eram? Eram muitos,
Eram dezenas,
E eram todos soldados do Brasil.

Mataram-nos à traição quando dormiam,
E foram companheiros que os mataram
Não foi a guerra, foi o crime que os matou.
Dormiam no quartel, de madrugada,
Mas a seu lado,
Em sinistra vigília,
Companheiros sem alma conspiravam,
Sem alma porque a tinham vendido
Ao estrangeiro de vestes vermelhas...
Eram os filhos malditos de Caim.

Mas por que os mataram, por que os mataram,
Se o seu pensamento,
Se o seu sentimento,
Era o de homens livres
Armados para que a liberdade
Nunca deixasse de cobrir o mundo
Com seu manto de estrelas?

Por que os mataram,
Se eram tão puros e tão nobres
Que nem acreditavam na maldade,
E tão presos estavam ao seu sonho
Que dormiam tranquilos?

Mataram-nos por isso, mataram-nos
Porque sabiam
Que eles nunca se levantariam
Para unir-se a bandidos que queriam
Fazer de sua terra uma terra de escravos.
Naquela madrugada
O sangue de inocentes encharcou o chão.
Ali bem perto,
Uma praia tinha o nome de vermelha.

Mas era branca como a sua areia,
Como a espuma do mar...
Tingir-se-ia, naquela madrugada,
Com a tinta daquele sangue
De soldados tranquilos que dormiam.
E, depois, os chacais desfilariam
Risonhos, como hienas satisfeitas,
Dentes à mostra nas fotografias
Que muitos viram
E logo esqueceram...

Moços que nascestes naquele ano,
Que hoje tendes vinte e seis,
Não podeis compreender aquele quadro,
Porque dele, vagamente,
Vos foi dada notícia.
O mais que vos contaram
Foi que houve uma intentona,
Um motim de quartel,
E misturaram as palavras,
Embrulharam a língua,
Para que na vossa memória
Se confundissem
O banditismo e a glória.

Para que em vossos corações ingênuos,
Virgens da marca da maldade,
Vibrasse apenas a corda da piedade.
O crime deixara de ser crime,
Era somente loucura,
Era alucinação de mocidade...
Ninguém matou ninguém...
Os mortos
Estavam mortos e enterrados,
Mas os vivos
Precisavam de ser recuperados.
E a grande palavra,
A palavra-esponja,
A palavra-esquecimento,
Era chamada à boca desse palco
Onde se representaria
A comédia do Silêncio.
O silêncio eterno dos que morreram,
O silêncio eterno
A proteger os monstros que ficaram.
Moços patrícios
De vinte e seis anos
Nada sabeis, que nada vos contaram.

No cemitério,
As cornetas dos soldados
Tocaram um dia o toque de silêncio,
O toque triste
Que é a última voz do mundo
A ferir os umbrais da eternidade,
O toque-lâmina sonora
Que parece rasgar o ar
O silêncio... O silêncio...
E ele terá de ser cada vez mais profundo,
Ser uma pedra esquecida
Sobre os túmulos desses mortos
Que foram pedaços vivos do Brasil,
E eram carne palpitante do Brasil!

Silêncio... Silêncio,
Para que esses mortos não escutem
O que se diz cá fora,
Para que não ouçam, por milagre,
O outro toque de silêncio,
O toque infame
Que ordena aos vivos calar a sua revolta,
A afogar a sua cólera
Na lama dos pântanos...
Silêncio, que os vivos estão vivos
E comandam,
Silêncio, porque os mortos já morreram.
Mas é bom não esquecer
Que há mortos que são como o Sol
Que morre todas as tardes
Para no dia seguinte renascer...

(Transcrito de A INTENTONA COMUNISTA DE 1935, do Gen José Campos de Aragão, Edição BibliEx, 1937).

Reprodução das páginas 155, 156, 157 e 158, do memorável livro "LEMBRAI-VOS DE 35!", do Gen Ferdinando de Carvalho, Edição BibliEx)

